

Turismo disfarça fuga de espécies amazônicas

Agências de viagem chegam a ressaltar quantidade de peixes, pássaros, insetos e mamíferos ainda não identificados

Chico Otavio

Enviado especial

• MANAUS. Um novo tipo de turista que começou a surgir nos últimos quatro anos, está intrigando os canoeiros do porto de Manaus. Em vez de se interessar por passeios tradicionais, como o encontro das águas dos rios Solimões e Negro, pede para ser levado aos pontos mais distantes em busca de insetos, orquídeas, cascas de árvores e pequenas amostras da floresta. Os canoeiros acham graça dos gringos dispostos a pagar até US\$ 100 por dia por uma excursão tão estranha.

— Uma vez, levei um deles até o Igarapé de Januári. O gringo tirou da bolsa um instrumento estranho e começou a puxar os be-souros que voavam em torno da malícia (espécie de planta) e guardá-los vivos — conta Antônio Franco de Araújo, o Bacurau.

Professor diz que turismo encobre contrabando

O professor Frederico Arruda, da Universidade Federal do Amazonas, identifica nesse tipo de turismo uma perigosa forma de contrabando de material genético. Segundo ele, pesquisadores e enviados de laboratórios entram com vistos de turista e levam o que querem, pois a fiscalização, quando ocorre, está restrita aos aeroportos e dificilmente identifica o embarque de amostras, que



Marcelo Sayão

UM DOS boxes do Mercado Adolfo Lisboa, o mais popular de Manaus, repleto de plantas medicinais muito procuradas

podem ser levadas até no tubo de uma caneta esferográfica.

Já existem agências especializadas em bioturismo. Uma delas, a Amazon Clipper, oferece na Internet excursões com barcos de 60 pés dotados de biblioteca especializada e biólogos como guias. No texto de apresentação, a agência convida o turista a desvendar os segredos de um território

inexplorado, com 15 mil espécies estimadas, das quais “milhares de peixes e pássaros e centenas de mamíferos ainda não foram identificados”.

A publicidade chega a exagerar nos detalhes. Lembra que a região tem, por exemplo, 1.800 espécies de borboletas e mais de 200 espécies de mosquitos, além de grande variedade de pássaros.

No complexo turístico de Januári, na margem oposta a Manaus, Bernadete da Silva Coelho, que vende suvenires, também se espanta com o crescente interesse dos visitantes por parasitas que nascem nas árvores.

— Eles querem comprar para levar. Não sabia que isso tinha valor — diz a vendedora.

O interesse pelo bioturismo

vem acompanhado de outra novidade: o crescimento das exportadoras de produtos fitoterápicos. Na maioria dos casos, estão sendo enviadas ervas em estado bruto, como o pau-rosa (fixador de perfumes), que são processadas no exterior e voltam como produto acabado. Também aumenta o interesse de turistas europeus e japoneses pelas ervas e outros produtos fitoterápicos vendidos no Mercado Adolfo Lisboa, o mais popular de Manaus

— Estamos mandando o ouro e importando a jóia. Produtos extraídos daqui retornam ao país a preços exorbitantes — lamenta Celso Ussi, dono da BioSapiens, uma exportadora de produtos fitoterápicos, que reclama da falta de apoio oficial para o desenvolvimento de produtos nacionais.

Associação de produtores centralizaria as patentes

Consciente de que a exportação maciça abriu caminho para o patenteamento de produtos mundo a fora, Celso disse que está propondo às 140 comunidades ribeirinhas que o abastecem a criação de uma associação de produtores. O objetivo seria montar um laboratório na Região Norte, para a produção de fitoterápicos e cosméticos, e impedir que os produtos com base na flora amazônica continuem sendo patenteados no exterior sem ganhos para os povos da floresta. ■

Class.	Data	Fonte	DOCUMENTAÇÃO
70	01/13/99	09/10/98	